

CORPO E LEITURA SUBJETIVA DE LITERATURA

BODY AND SUBJECTIVITY READING OF LITERATURE

Matteus Melo*

RESUMO: Os diferentes modos de lidar com a leitura literária resultam da diversidade de estudos que, ao longo de décadas, findaram por instituir tipos de leituras e de leitores. Isto se deve ao fato de ser a obra de literatura objeto inesgotável de possibilidades para a construção de sentidos e de discursividades capaz de ressignificar o mundo e os sujeitos. E falar sobre o ser-sujeito é falar também sobre o corpo e as subjetividades que o institui, e sobre os discursos que constroem uma corporeidade para este sujeito-pensante. Portanto, a partir das reflexões de Antoine Compagnon (2010) e Paul Zumthor (2018), este breve ensaio se propõe a pensar sobre a importância da subjetividade e de sua presença na relação entre o corpo e a leitura de ficção.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Leitura. Subjetividade.

ABSTRACT: The different approaches to literary reading stem from the diversity of studies that, over decades, have established various types of readings and readers. This is due to the fact that literary works are an inexhaustible source of possibilities for constructing meanings and discourses capable of resignifying the world and the subjects within it. Discussing the subject-being also involves addressing the body and the subjectivities that constitute it, as well as the discourses that shape a corporeality for this thinking subject. Therefore, based on the reflections of Antoine Compagnon (2010) and Paul Zumthor (2018), this brief essay proposes to think about the importance of subjectivity and its presence in the relationship between the body and the reading of fiction.

KEYWORDS: Body. Reading. Subjectivity.

* Doutorando em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal (U. PORTO). Mestre em Artes, na área de Artes Cênicas, pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, Brasil (UNICAMP). Atuou como professor interino em disciplinas de Literatura e na disciplina de Estágio Supervisionado em Literatura, na Universidade do Estado do Mato Grosso, Brasil (UNEMAT). E-mail: melodramattus@gmail.com.

Arranca metade do meu corpo, do meu coração, dos meus sonhos. Tira um pedaço de mim, qualquer coisa que me desfaça. Me recria, porque eu não suporto mais pertencer a tudo, mas não caber em lugar algum. (José Saramago, Poema à boca fechada)

Não se trata de reafirmar a importância da leitura literária e de sua estreita relação entre o ato de ler e o corpo do leitor, a propósito de minhas inquietações no ensaio “Corpo e leitura literária em perspectiva” (Melo, 2020), mas de buscar entender como a subjetividade pode se tornar um elemento a mais para a formação crítica do sujeito leitor de literatura, a partir da relação entre corpo, literatura e mundo – três particularidades do saber que, *per se*, já se configuram como um oceano de possibilidades. Então, vejamos: diga-se que o corpo é o mundo; diga-se que ler literatura é ler o mundo e a si mesmo.

Há sempre a urgência de não se perder de vista o prestígio que, por décadas, vem sendo conferido à literatura de ficção como um direito essencial, um bem incompreensível, uma necessidade profunda que não pode deixar de ser satisfeita, porque, como diria Antonio Candido, não há quem possa viver “sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (2017, p. 176). É também nesse contexto que se deve ressaltar o valor das práticas de leitura subjetiva, e do corpo como território em que o poético-literário germina.

Ora, se compreendo que o “corpo é ao mesmo tempo o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso” (Zumthor, 2018, p. 71), persisto em figurar a ideia de que “a leitura integra o corpo ao texto literário, fazendo do corpo do leitor uma extensão da obra” (Melo, 2020, p. 240). A leitura é o lugar de encontro entre leitor e literatura. É o caminho a percorrer em estado de quietude e euforia. É o que confere atributos à fantasia no mundo real. É o que materializa emoções e sentimentos no corpo do leitor, porque a literatura o afeta e o distingue. Logo, “o corpo se configura como o campo primordial da percepção e recepção que por meio do processo da leitura [...] faz fecundar as emoções que o texto literário pode suscitar” (Melo, 2020, p. 235).

Posto isto, proponho dois questionamentos, sendo: i) como se opera a relação entre corpo, mundo e literatura?; e ii) como a leitura subjetiva de literatura se configura como parte essencial do corpo? Os fins a que se pretende é o de reconhecer a importância da subjetividade para a leitura e o ensino de literatura. Mas, para que este ensaio alcance seu objetivo, ou que apenas se aproxime dele, é preciso que se mergulhe neste oceano.

UM LEITOR DO MUNDO

Diga-se que o corpo é o mundo. O corpo é o ponto de partida. É a partir do corpo que se constroem as ideias e o significado das coisas. Um corpo que é todo particularidades do mundo e de si. Um corpo que não consegue ser sem estar. De fato, se compreendo que “o

corpo dá a medida e as dimensões do mundo”, em consonância com Paul Zumthor (2018, p. 71), e que ele é a “marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros”, em acordo com David Le Breton (2012, p. 10), falar do mundo é falar de um corpo em movimento, um corpo-mundo.

Mas a simples definição de mundo é, já em si mesma, vasta e carregada de sentido, e tanto pode significar uma infinitude de coisas concretas, abstratas ou figurativas, quanto pode significar a existência do que se apreende como realidade, ou do que é possível de ser fabulado. O mundo é o lugar onde as coisas habitam e se constituem como coisa, ideia e criatura. De outra perspectiva, ao mesmo tempo em que o corpo habita o mundo, o mundo se constitui a partir da percepção e das sensações do corpo, e pela linguagem que se manifesta no corpo, sendo esta “o principal meio de comunicação humana” (Pound, 2013, p. 39).

É por meio da linguagem que o corpo expressa o mundo e expressa-se nele, constrói sentido para as coisas, habita às ideias, celebra a memória. Assim, a linguagem é também parte do corpo que é parte do mundo. E refiro-me à linguagem da palavra como o princípio criador, o verbo – *logos*, do grego – que torna o mundo, mundo, e faz ser como são todas as coisas (Melo, 2020). De modo que a palavra é ainda a matéria constitutiva da literatura, e, portanto, instituidora de mundos e testemunha do corpo.

Por conseguinte, não se poderia pensar no leitor de literatura como um leitor do mundo, se a relação entre literatura e mundo não for considerada, já que essa dialética é constantemente reavaliada por diferentes frentes de análises investigativas e conceituais. Desde Aristóteles, *mimêsis* é o termo mais corrente nas discussões que envolvem a relação entre literatura e mundo, ou, para ser mais preciso, entre literatura e realidade. Acontece, em dado momento, que o uso do termo, traduzido por “imitação ou “representação”, passou a ser questionado pela teoria literária.

Ao indagar-se, *de que fala a literatura?*, Antoine Compagnon (2010) faz um apanhado dos principais pontos de vista empregados ao sentido de *mimêsis*, seja pela concepção da literatura como uma representação da realidade, seja pela insistência de sua autonomia em relação ao seu referente, o mundo, e diz que “uma série de termos¹ coloca, sem nunca o resolver inteiramente, o problema da relação entre o texto e a realidade, ou entre o texto e o mundo” (Compagnon, 2010, p. 96).

Ao sugerir a extensão das dificuldades quanto à definição do sentido de *mimêsis*, Compagnon (2010) se propõe a examinar as diferentes noções conceituais a partir do que ele considera dois clichês adversários: o antigo e o moderno – da filosofia à teoria literária e

¹ “[...] *mimêsis*, evidentemente, termo aristotélico traduzido por ‘imitação’ ou ‘representação’ (a escolha de um ou outro é em si uma opção teórica), ‘verossimilhança’, ‘ficção’, ‘ilusãõ’ ou mesmo ‘mentira’, e, é claro, ‘realismo’, ‘referente’ ou ‘referência’, ‘descrição’ [...]” (Compagnon, 2010, p. 96).

suas correntes de análises –, com a finalidade de repensar o uso do termo por meio de uma alternativa menos intimidante que os dois pontos de vista extremos: a literatura fala do mundo, a literatura fala da literatura.

Segundo a tradição aristotélica, humanista, clássica, realista, naturalista e mesmo marxista, a literatura tem por finalidade representar a realidade, e ela o faz com certa conveniência; segundo a tradição moderna, e a teoria literária, a referência é uma ilusão, e a literatura não fala de outra coisa senão de literatura (Compagnon, 2010, p. 111).

Em defesa da *mimèsis*, ou, mais especificamente, em defesa de que a literatura fala do mundo, Compagnon (2010, p. 124) afirma que *mimèsis* é, pois, “conhecimento, e não cópia ou réplica idênticas: designa um conhecimento próprio ao homem, a maneira pela qual ele constrói, habita o mundo”. Do argumento desenvolvido por Northrop Frye², que atribui ao leitor uma função de reconhecimento, um efeito que a *mimèsis* produz fora da ficção, Compagnon (2010, p. 126) arremata que “o reconhecimento pelo leitor, para além da percepção da estrutura, está subordinado à reorganização desta última a fim de produzir uma coerência temática e interpretativa”. O efeito que se produz fora da obra se dá quando o leitor desloca o reconhecimento do interior da ficção (*o que vai acontecer nessa história?*) para o exterior da ficção (*o que significa essa história?*); o leitor passar da intriga (*muthos*) ao tema e à interpretação (*dianoia*) (Compagnon, 2010). E a respeito do que diz Paul Ricoeur³, que também insiste no acordo da *mimèsis* com o mundo, Compagnon (2010, p. 128) conclui que “o aprendizado mimético está, pois, ligado ao reconhecimento que é construído na obra e experimentado pelo leitor”. Ou seja, um reconhecimento que sai do quadro da intriga para tornar-se o do espectador.

Sem mais delongas, a literatura fala do mundo, e o leitor cuida do reconhecimento da realidade representada na ficção. Trata-se de duas afirmativas que, por sinal, dialogam com duas assertivas de Ezra Pound (2013, p. 35 e 39): primeiro, porque a “literatura é linguagem carregada de significado”; segundo, porque “a literatura não existe num vácuo”. É absurdo esperar que a narrativa ficcional cuide em representar seu referencial, o real “ao pé da letra”, e que, por não o representar, apenas cuida em construir seja lá o quê que a teoria queira validar. Isto nem deveria ser uma questão, ou a narrativa literária não seria um modo de fabular, uma imitação, não seria uma reinvenção do real, nem mesmo seria capaz de criar realidades. A função do poeta, *ao dizer*, não o obriga ao compromisso com fatos que podem ser comprovados realmente, não se realiza como o real, em menção à máxima aristotélica, mas *em dizer* do que poderia ser ou existir segundo a ordem do verossímil e do necessário (Aristóteles, 2004). “A literatura explora as propriedades referenciais da linguagem”, e isto significa dizer

² Northrop Frye em *Anatomie de la critique* [Anatomia da Crítica] (1957).

³ Paul Ricoeur em *Temps et Récit* [Tempo e Narrativa] (1983-1985).

que “a referência funciona nos mundos ficcionais enquanto permanecem compatíveis com o mundo real” (Compagnon, 2010, p.132 e 133). Nesse sentido, o mundo se torna o referente da linguagem na ficção.

Os textos de ficção utilizam, pois, os mesmos mecanismos referenciais da linguagem não ficcional para referir-se a mundos ficcionais considerados como mundos possíveis. Os leitores são colocados dentro do mundo da ficção e, enquanto dura o jogo, consideram esse mundo verdadeiro (Compagnon, 2010, p. 133).

Ao se pensar *de que fala a literatura*, a resposta ressoa categórica: a literatura fala do mundo e habita o mundo do qual fala. E por um desdobramento de si mesma, diga-se que a literatura fala de todos os mundos possíveis – reais e imaginários –, fala do tempo e das horas, fala do concreto e do abstrato, daquilo que é perceptível e do que ainda poderia ser. Na literatura cabem os mundos com suas palavras e a travessia de seus significados, e cabe o leitor que, por meio do ato de ler, ocupa tanto o interior da obra como seu exterior quando propõe um sentido àquilo que a ficção representa para fora da literatura. É o leitor quem faz valer os efeitos da verossimilhança – não a teoria. É do funcionamento dos atos de linguagem que se estabelece o elo entre corpo, mundo e literatura.

Não sei de leitor que, ao ler uma narrativa de ficção, sinta a necessidade de constatar que a construção das ações/intriga, ou que o desenvolvimento da história, correspondem a todas as minúncias e verdades que conformam à realidade e seu lugar no espaço-tempo. É demasiado ingênuo supor que o leitor de literatura não tenha consciência da fronteira que separa ficção e realidade, e de como se deve operar a realização de sua travessia pelo território da fantasia. Além do mais, todas as imagens e espaços que aí são constituídos – as ideias e o enredo –, e que ao decorrer da leitura se desdobram às vistas do leitor, se estruturam em função única da personagem. Nas palavras de Candido (2014, p. 54), “a personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos”. Tudo o que a narrativa de ficção constrói é para encarnar a personagem, para imputar um efeito de verdade, para aproximá-la do leitor, mesmo quando o enredo e as ideias habitam o mundo do fantástico/maravilhoso. É até preferível discordar com o fato de a crítica supor que o leitor (*comum*) tem a ilusão de achar que a verdade da ficção é assegurada pela verdade da existência, e aceitar a ideia de que “nada impede que se dê exatamente o contrário” (Candido, 2014, p. 78).

Desde o primeiro instante, o impulso para o mergulho na leitura ficcional é sempre o de querer saber sobre a personagem, ou de forças antagônicas por meio das quais este *ser-fictício* será levado ao desafio, para que, por conseguinte, se desbrave a história em sua companhia. De meu ponto de vista, o que reverbera e se prende à memória não tem a ver com a visão profunda de uma aparente verdade sobre o mundo real, mas sobre o modo como a narrativa se estrutura ao lidar com a fabulação a ponto de fazer com que o leitor, ao se aproximar da personagem, a

reconheça como um *ser* possível de semelhança – digo sem pretensões de tratar deste paradoxo da criação literária, o *ser-fictício* (Candido, 2014). Mas isso não significa dizer que o cuidado com o enredo e as ideias devem receber menor valor e atenção no trato com a linguagem.

Uma vez compreendida a ligação entre literatura e mundo, assim como dos efeitos miméticos dessa relação dialógica, o leitor, por ocasião do acordo tácito com a fantasia, entra na história, instala-se nela, e passa a atribuir significado à verdade ficcional que é reconhecida, e, para além, afirma ou complementa o mundo fora da literatura: mede, pesa, compara, atua, modifica, imprime marcas em seu corpo. O leitor habita os dois mundos onde a literatura se realiza: o interior (acontecimento) e o exterior (significado), dualidade que atravessa a experiência sensorial do que é fictício, mas que nem por isso deixa de significar à realidade – um tempo transitório, um corpo em movimento.

Pois bem, “antes de qualquer coisa, a existência é corporal. [...] Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo, nos quais, a existência toma forma [...]” (Breton, 2012, p. 7). O corpo expressa o mundo, as coisas e a si mesmo por meio daquilo que sente, percebe e lê; um corpo que diz das realidades e das coisas que a ficção elabora por meio da palavra, palavra feita narrativa que institui os mundos e as coisas na literatura. O corpo é o primeiro mundo que habitamos, e todo o resto é uma extensão das impressões que, ao longo da vida, atribuímos significado. E, nesse sentido, o corpo se torna o lugar primordial de construção da subjetividade.

Ao ler o mundo, o leitor lê a si mesmo porque é também parte do mundo, e ao ler literatura evoca as experiências apreendidas pela memória ao longo do tempo; memórias que, no processo da leitura literária, são acionadas quando se faz necessário lembrá-las, compará-las e complementá-las para que o efeito do reconhecimento mimético se efetive entre a literatura e o mundo, entre a literatura e o corpo, como um fenômeno relacional. É nesse sentido que afirmo que o corpo é o mundo. Quando a literatura fala do mundo, como um modo de representação da realidade, é também do corpo que a literatura fala, e das experiências que cada corpo carrega na memória: o corpo é ponto de partida.

No mais, se a linguagem literária é carregada de significado e não existe no vácuo (Pound, 2013), diga-se que ler literatura é ler o mundo, e que, de certo modo, ao ler o mundo, o leitor que também é parte do mundo se torna parte daquilo que lê, expande seu corpo-pensante, faz significar o mundo visível e o mundo imaterial, aguça os sentidos e elabora melhor aspectos de ordem existencial. Eis a deixa para outro mergulho reflexivo.

UM LEITOR DE SI

Diga-se que ler literatura é ler a si mesmo. O corpo é o ponto de chegada. Um corpo marcado por uma ampla disposição de símbolos e significados, no qual os sentidos que deles se originam, ou são reproduzidos, ressoam como um coro de vozes – histórica, cultural, psíquica, religiosa etc. – que se cruzam e convergem para um todo possível de ressignificação sobre as ideias e as coisas, e que findam por compor o discurso que o corpo representa e produz de si e da vida. Um corpo leitor que testemunha a experiência de sua existência. A leitura de literatura modifica nossa relação com o mundo e com os outros. “Por isso, porque ela é encontro e confronto pessoal, a leitura é diálogo. A ‘compreensão’ que ela opera é fundamentalmente dialógica: meu corpo reage à materialidade do objeto, minha voz se mistura, virtualmente, à sua” (Zumthor, 2018, p. 59).

Ao dizer que a leitura é o lugar de encontro entre leitor e literatura, o próprio ato de ler coloca o corpo em estado sensível de alerta, já que nem sempre a palavra alcança o sentido desejado para as coisas e as ideias. É desse modo que, até certo ponto, a narrativa sugere que se atribua sentido aos espaços entreabertos, e, como forma de reconhecimento mimético, o leitor se permita delinear novos contornos para aquilo que, histórica e culturalmente, é posto como resultado inalterado na estrutura das relações de humanidade em seu mundo real. É também a partir desses estados de percepção e recepção do corpo – sensações e memórias – que se faz legitimar a subjetividade. Assim como o corpo, “toda leitura tem, como se sabe, uma parte constitutiva de subjetividade” (Jouve, 2013, p. 53).

Se ao ler o mundo o leitor lê a si mesmo, porque é também parte do mundo, e ao ler literatura evoca as experiências apreendidas pela memória ao longo do tempo, se torna inevitável que no encontro com o mundo construído pela narrativa de ficção, no acordo entre o *ser-real* e o *ser-fictício*, não se estabeleçam referências a coisas e ideias, lugares e circunstâncias que o corpo carrega como marcas de sua existência, e que, em particular, acessa o campo do afeto e do intelecto. “Com efeito, cada um projeta um ponto de si na sua leitura, por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também retornar a si” (Jouve, 2013, p. 53). Afinal, ao ser representação de um mundo, a literatura é representação do *ser*. E suponho que o saldo da leitura de literatura é o de proporcionar um novo olhar para a condição do *ser-sujeito*, e oferecer-lhe uma outra possível forma de se perceber e de habitar o mundo.

Um ponto importante que precisa de atenção é o fato de que a subjetividade é algo inerente à condição própria do *ser* como um sujeito-pensante. É impossível acreditar que no processo da leitura de um texto literário, possa haver um modo de leitura distanciada, indiferente ou parcialmente desvinculada do corpo – sobretudo quando não se considera a cisão entre corpo e mente; e a subjetividade, nesse sentido, tanto atravessa o campo do afeto quanto do intelecto. Do modo como cada corpo é único em sua individualidade, qualquer

sensação que o afeta pelos efeitos sensíveis que permeiam a literatura também o afeta na sua individuação, pois cada corpo responde de maneira singular e subjetiva aos estímulos que a leitura literária provoca (Melo, 2020).

Sejam quais forem os espaços de realização da leitura de literatura, do *espaço íntimo ao espaço público*, em alusão a Michèle Petit (2013), do escolar ao universitário, a subjetividade contribui com a elaboração de um conhecimento mais aguçado e crítico, mais diversificado, amplo e prazeroso, porque é parte constitutiva do sujeito. Ela permite que o corpo se organize nas diferentes camadas de construção de sua própria história, situa-o no mundo como um registro de sua natureza passageira, nas lembranças e experiências que a memória relaciona e significa. É preciso considerar os espaços que a leitura literária evoca como um lugar de recolhimento para o leitor, “um espaço que lhe permita delimitar-se [...], desenhar seus contornos, perceber-se separado, distinto do que o cerca, capaz de um pensamento independente” (Petit, 2013, p. 42). Em outras palavras, nesses espaços, que podem ser reais ou imaginários, os instantes de intimidade que a leitura propicia entre leitor e literatura é também o lugar de construção de sua subjetividade e, por conseguinte, o lugar para a configuração dos modos de ser de um corpo-pensante.

Este espaço criado pela leitura não é uma ilusão. É um espaço psíquico que pode ser o próprio lugar da elaboração ou da reconquista de uma posição do sujeito. Porque os leitores não são páginas em branco onde o texto é impresso. Os leitores são ativos, desenvolvem toda uma atividade psíquica, se apropriam do que leem, interpretam o texto, e deslizam entre as linhas seus desejos, suas fantasias, suas angústias (Petit, 2013, p. 43-44).

A leitura de literatura potencializa os efeitos de sentidos provocados pelo texto, e “o texto, de maneira silenciosa, vai liberar algo que o leitor tem dentro de si” (Petit, 2013, p. 46). Mas como identificar o que seria esse “algo” a ser liberado? Ou melhor, o que o leitor carrega dentro de si que o texto literário traria à liberdade? E com a mesma rapidez com que penso em palavras e ideias – o “algo” poder ser muitas coisas: um lugar, um objeto, um sonho, uma vivência etc.; e pode ter muitos nomes e cores: fé, medo, esconderijo, fuga, rebeldia etc. –, deduzo que o “algo” é da ordem do subjetivo, e que, portanto, corresponde a particularidades daquilo que é da essência do sujeito. A leitura de literatura, dito de outro modo, é algo que acessa o íntimo da memória.

Se a subjetividade contribui para a elaboração do conhecimento, em contrapartida, a literatura não apenas intensifica o desenvolvimento da subjetividade, como organiza os mecanismos que caracterizam a singularidade do sujeito, como a linguagem. É justamente

nesse sentido que insisto na ideia figurativa de que a leitura integra o corpo ao texto literário (Melo, 2020), e que disso resulta a construção de um corpo que é dono de seu próprio discurso por meio de sua subjetividade.

Quando se fala em subjetividade, diz-se de algo que é particular ou próprio de um sujeito, uma qualidade individual que o difere de um coletivo em sua totalidade, um modo de ser e de pensar que o singulariza. E quando se fala em leitura subjetiva, a propósito do ato de ler literatura, diz-se, grosso modo, das impressões e significados que o leitor apreende do texto em diálogo com as referências e memórias, afetivas e intelectuais, de seu corpo – o mundo. E isso se efetiva, porque “o texto vive de suas ressonâncias com as lembranças, as imagens mentais, as representações íntimas de si, dos outros, do mundo do leitor” (Langlade, 2013, p. 31). Diga-se, portanto, que nem a mediação da leitura nem o ensino de literatura devem desconsiderar essa particularidade do leitor.

A subjetividade constrói um modo de experiência que escapa ao ideal da tradição crítica literária, e que dispensa as impressões do leitor com vistas a interpretações que apenas validam teorias formuladas para alcançar um determinado tipo de conhecimento a respeito da obra de ficção. Não quero dizer com isso que as correntes teóricas de análise de literatura devam ser retiradas do programa curricular, escolar ou acadêmico, porque isso é algo impensável, mas que não se deve apagar outras vivências e modos de produção do conhecimento a partir das impressões do leitor sobre o mundo das coisas e das ideias, quando se objetiva a formação de um sujeito-pensante – na escola ou na universidade.

De meu ponto de vista, essa leitura participativa, longe de ser “ingênua” e de diluir a obra em vagas referências ao vivido, está no fundamento mesmo da leitura literária. Ela realiza, com efeito, a indispensável apropriação de uma obra por seu leitor com um movimento duplo de implicação e de distância, em que o investimento emocional, psicológico, moral e estético inscrevem a obra como uma experiência singular (Langlade, 2013, p. 17).

Eis o incômodo por parte da crítica mais conservadora com estudiosos e pesquisadores da leitura que persistem na possibilidade de reconhecer a subjetividade como um saldo a mais na mediação da leitura e no ensino de literatura. Ao se questionar sobre “a incongruente irrupção desses ecos subjetivos que formam o cortejo da leitura de uma obra literária”, Gérard Langlade (2013, p. 26) situa o lugar da subjetividade para o leitor empírico: aquele que, ao ler, dialoga com sua experiência de mundo e com seus afetos; e para o leitor que ele chama de “experto”: àquela figura autorizada de amador esclarecido e profissional da literatura. Ao primeiro, dada a importância da subjetividade para a atividade leitora, ele nomeia *leitor “subjetivo”*: construído pelas experiências de suas leituras fundadoras, e de intenso investimento afetivo.

Definido os pontos de vista opostos, vejamos se é possível encontrar um lugar de equivalência para a subjetividade, sem grandes pretensões teóricas, que tanto contribua para a elaboração do conhecimento e das emoções, quanto para alcançar o ideal desejado da crítica literária que, a partir de teorias formuladas, também se dispõe a construir uma parte do conhecimento dos sujeitos. De modo mais ensaísta e menos conceitual, partirei de dois aspectos que merecem atenção: o lugar da leitura; o lugar do ensino de literatura.

Penso o *lugar da leitura* como duas partes de um todo: i) aquele que habita o leitor – seu mundo interior; e ii) aquele onde o leitor habita – seu mundo exterior. Do primeiro: aquilo que é sensorial ao corpo, diga-se da ideia de um abrigo ou reduto íntimo e despretensioso, lugar de refúgio para esquivar-se dos problemas da vida prática e dos afazeres cotidianos, lugar de escuta e de profundo respeito; esse lugar é de acesso único e restrito do próprio leitor, porque é nele que as emoções se desnudam sem o olhar da moralidade ou da culpa religiosa, e longe do julgamento alheio, a fim de que a narrativa literária se manifeste sem interferências. Do segundo: qualquer espaço possível ou um determinado objeto, ou coisa específica – as almofadas da sala, o tapete, a janela, a cadeira na varanda, a sombra da árvore, o quintal, a calçada, um transporte, um banco de praça, a praia, a biblioteca e, finalmente, a sala de aula e os espaços da escola ou da universidade. Independentemente do lugar, seja o da leitura vivenciada em estado de solidão, seja o da leitura em presença ou na companhia de outras vozes, o diálogo entre a narrativa e o leitor há de reverberar continuamente em forma de experiência, porque diz do mundo e de si, e porque a vivência corporal se tornará uma lembrança acolhida pela memória.

Penso o *lugar do ensino de literatura* como uma espécie de fronteira que permite o encontro entre a diversidade de ideias e coisas, entre diferenças e semelhanças; o espaço da realidade concreta e do abstrato da fantasia; a fronteira pela qual transitam o arcaico e o moderno, a sabedoria empírica e o conhecimento científico, o popular e o erudito, e tudo que se distancia de mim, mas que não é de todo um estranhamento porque representa uma parte do mundo que sou eu e uma parte do mundo que é o outro; fronteira para travessia das paixões e da razão, das experiências que singularizam cada corpo, e do saber adquirido por meio da técnica e do pensamento crítico. Afinal, ao ensino de literatura se deve o elogio de ser o lugar de extensa exuberância para aquisição do conhecimento e formação humana dos sujeitos.

Pois bem, o valor de importância que a literatura exerce para a formação do sujeito é de medida imensurável. A leitura de literatura não apenas conforma nossa humanidade como ressignifica nosso modo de pensar a vida e as relações afetivas, políticas e sociais. O ensino de literatura é o mecanismo pelo qual é possível acessar outros lugares do objeto literário que, por meio de ferramentas de análise, cuidam em expandir as percepções do leitor para pontos de vista que ocupam outros espaços do saber. E de acordo com a ideia de que a obra literária faz significar o mundo visível e o mundo imaterial, que aguça os sentidos e melhor elabora aspectos de ordem existencial, como mencionado no tópico anterior, e ainda que ao

ler o mundo o leitor lê a si mesmo porque é também parte do mundo, e que ao ler literatura evoca as experiências apreendidas pela memória ao longo do tempo, não posso ignorar, ou, não se deve ignorar a presença da subjetividade.

Mas acredito que as discussões sobre o valor de se considerar, ou não, a leitura subjetiva nas práticas de leitura literária, e, por conseguinte, no ensino de literatura, vai muito além de apenas reconhecer a subjetividade como parte intrínseca do *ser*-sujeito, porque a subjetividade é um aspecto que não se pode desvincular dos modos de existir de seu corpo, no mundo. Langlade (2013, p. 36) observa que “a questão é saber, bem entendido, se com tal leitura não se sai simplesmente da literatura, se ao levar em conta a participação do leitor não estaremos alimentando uma confusão ingênua entre a ficção literária e a realidade vivida ou permeada pelos fantasmas” – algo a ser pensado com bastante cautela. Mas, já agora, suponho que seja por meio dessa estreita relação entre ficção e realidade que a literatura também exerce o seu papel formador: ao provocar o confronto perturbador entre as verdades da ficção e as experiências de vida do leitor. E há muito o que se questionar e refletir sobre esse lugar de confronto e seus desdobramentos – por isso, não darei este ensaio por acabado.

Parece-me que buscar compreender os modos de como a subjetividade opera seu efeito, no processo da atividade leitora e das impressões que decorrem dessa leitura, implicaria reconhecer um conjunto de fatores relacionados aos espaços ocupados, tanto pelo sujeito e o objeto literário, quanto do objeto literário e do ensino de literatura. De modo bastante simplista, isto implica fazer com que o leitor perceba que há limites entre as experiências que a literatura lhe proporciona e as experiências que são próprias de sua realidade, e que as categorias de análises de uma obra de literatura evocam um aparato de exigências que não devem ser confundidas com a liberdade interpretativa na qual a única referência é a sua percepção particular da vida. Acredito que é neste lugar de confronto, na dialética entre leitor e objeto literário, que se constroem oportunidades para uma nova percepção de si e do mundo.

E, ainda, quando se diz que o sujeito leitor é o autor da singularidade da obra, não significa dizer que a obra em si deve assumir a verdade do leitor. A verdade da obra está posta e eternizada em si mesma, e contra isso não há argumento – Sancho Pança será sempre o fiel escudeiro de Dom Quixote; Capitu, com seus olhos de ressaca, e a dúvida de uma traição que jamais se esclarecerá; Amaro não responderá por seu crime; Quincas Berro d'Água sempre morrerá duas vezes; e Ms. Dalloway é quem decide sobre comprar as flores. O que entra em jogo é o diálogo que se construirá entre leitor e literatura a partir de dois aspectos distintos e necessários: a leitura subjetiva – a propósito de suas vivências e conhecimento acumulado ao longo dos anos; a leitura analítica – a propósito de sua formação escolar ou acadêmica, cuja finalidade é, também, a de contribuir para o exercício do pensamento ao apresentar outras formas de percepção e resultado crítico.

Não se trata de apontar a subjetividade do leitor como um demarcador referencial para a compreensão do todo da obra – se é que isso é possível. Por sua vez, o texto literário existe sem exigências, ou seja, não pede para ser interpretado, analisado ou comparado: ele é sua autoridade máxima. Dizer que o sujeito leitor é o autor da singularidade da obra não implica a elaboração de um novo texto por parte do leitor, mas é antes compreender que, como um leitor do mundo, cada sujeito dialoga com o texto a partir de sua própria história e a ela atribui significados; a obra em si permanece intacta, inalterada, consumada pela organização dos mecanismos da linguagem: ela é, está posta. E se há maturidade de consciência para entender que no objeto literário habita o mundo da obra e o mundo do leitor, espera-se que o próximo passo seja o de aprender a percorrer os dois mundos. É urgente reconhecer que no processo de aprendizagem dos sujeitos, quer seja na escola, quer seja na universidade, as experiências adquiridas em seu percurso de vida coexistirão com as teorias de análise crítica e conceituais.

De todo, se há verdade em afirmar que a subjetividade é parte inerente do *ser*-sujeito, e que na literatura o *ser*-fictício é dado quase como um semelhante, pelos efeitos referenciais da linguagem, ignorar ou afastar a subjetividade dos sujeitos do seu contato com a literatura é retroceder a um modelo de leitura, e de ensino de literatura, enrijecido e castrador, porque anula a experiência do outro em seu percurso de construir saberes, e, ainda, se afasta dos fins a que se pretende o ensino de literatura: humanização e formação crítica dos sujeitos – e há muito o que se dizer sobre isso. Talvez a grande questão seja a de aprender manusear a leitura subjetiva como um demarcador de espaço reflexivo entre o imaginário particular do leitor e o imaginário consumado na obra.

Por fim, diga-se que a subjetividade é uma condição indissociável das práticas de leitura e ensino de literatura, e que nesse processo de descoberta do mundo e de si mesmo é impossível ao leitor ignorar as marcas definidoras de sua singularidade ou não recorrer às lembranças de suas experiências acolhidas pela memória e ao discurso de seu corpo como operador das emoções dessas experiências, inclusive das leituras de literatura que também escrevem a história afetiva de seu corpo de sujeito-pensante. É nesse sentido que afirmo que ler literatura é ler a si mesmo: o corpo é o ponto de chegada.

Volto ao início deste ensaio a fim de lembrar, como por uma teimosia insistente, a grandiosíssima importância da leitura literária e de sua estreita relação entre o ato de ler e o corpo do leitor. Um corpo que é todo feito de coisa física e sensorial. Um corpo-sujeito que é todo composto de metades. Há tempos em que é preciso arrancar algumas metades para que esse corpo se reinvente e reconstrua seu lugar – em alusão a José Saramago⁴; arrancar um pedaço de mundo, uma ideia sem valia, uma coisa qualquer que não o afirme, um despropó-

⁴Ver a epígrafe deste ensaio.

sito, afetos que não se complementam, um desejo perdido. Cada corpo-sujeito assume seu movimento de rota, os contornos de suas ideias e as formas particulares de existir no mundo. Mas um corpo não pode pertencer a tudo, e mesmo antes de pertencer a alguma coisa, o corpo precisa pertencer a si mesmo.

Diga-se que a leitura subjetiva de literatura tanto assinala a presença do corpo e sua particularidade, quanto é a leitura de um corpo no mundo: um corpo que significa e que também é significado, um corpo-mundo marcado pelo encontro dos afetos ao longo do tempo e das experiências. Quando o leitor mergulha numa narrativa de ficção é para dentro de si que se opera o mergulho, mas é também para dentro do mundo. É no corpo que todas as conexões são realizadas nesse processo de percepção e de autoescuta, por meio da leitura de literatura. É nesse sentido que afirmo que o corpo é o mundo, e que ler literatura é ler a si mesmo: o corpo é o ponto de partida e o ponto de chegada.

E assim seguiremos por este oceano.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

BRETON, David Le. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

JOUE, Vincent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In: ROUXEL, A. *et al.* (ed.) **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, A. *et al.* (ed.) **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

MELO, Matteus. Corpo e leitura literária em perspectiva. **Revista Alere** – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL, ano 13, v. 21, n. 1, jul. 2020.

PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013.

POUND, Ezra. **Abc da literatura**. São Paulo: Cultrix, 2013.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Recebido para publicação em: 16 dez. 2024.

Aceito para publicação em: 2 jun. 2025.